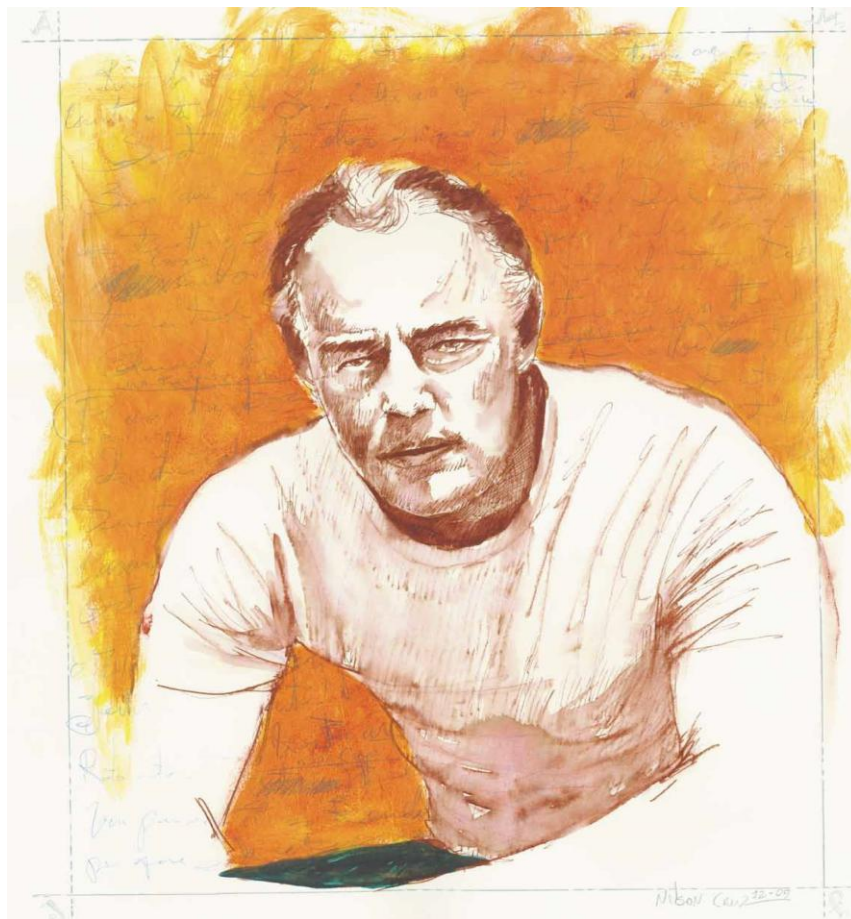


LARANJAS IGUAIS



Do conto ao romance, do romance ao conto

Prefácio:

Em meados de 2014, no acervo de escritores mineiros, da UFMG, estudei e pesquisei sobre as obras e, especialmente, sobre o processo de criação do escritor Oswaldo França Júnior. Mineiro, falecido em 1989 aos 53 anos de idade, deixou um conjunto de obras composto de treze romances e apenas um livro de contos: “Laranjas iguais”.

Em alguns contos ou, até mesmo, minicontos pode-se observar a gênese de alguns de seus livros; a matriz de alguns romances. Evidencio e analiso isso, pois em meus estudos sobre o autor vi que ele selecionava nomes, lugares, situações comuns. O seu desejo era escrever sobre a vida do brasileiro comum, tão interessante a ele. Assim, contos simples – comuns – deram vida a romances detalhados e cheios de capricho, como “Os dois irmãos” o qual, inicialmente, é um conto.

A maioria de seus contos abordam temas como a ânsia pelo poder, a necessidade de afeito, a falta de comunicação entre as pessoas, a insatisfação pessoal e a eterna busca pela felicidade.

Em especial, o romance “Os dois irmãos” (1976) em comparação ao conto “Meu irmão”, e sua última obra publicada em vida, “No fundo das águas” (1987).

Tal escolha se deve à possibilidade talvez de mapear alguns temas cuja repetição possa ser analisada em termos de conteúdo e de forma: um conto que se transforma em “duplo” de um romance ou um romance que parece estar condensado em conto; irmãos que se tornam tema principal em romance, como em “Os dois irmãos”, ou que aparecem sob a forma de personagens secundários em tantas outras narrativas.

Outro conto que também especifica essa ideia de gênese para um livro é: “A represa” o qual origina o livro “No fundo das águas”.

O conto em si trata sobre a eminência da chuva e a construção de uma represa, sob a ânsia de um dos homens. Já o romance acontece com a represa já pronta e as pessoas saindo dali.

“Quando as comportas da represa foram fechadas, todos já haviam abandonado as casas e as terras. Abandonado para nunca mais voltar. Tudo estava previsto e as águas subiram lentamente, alcançando primeiro a rua junto à margem do rio”
(França Júnior, 1987: 7).

Sumário:

Meu irmão - 5

A represa - 6

As duas pedras - 7

As duas mãos - 8

Eu não o conheci - 9

*Tudo foi a certeza que ele teve. Primeiro que algo iria acontecer.
Depois que iria demorar. Não muito, mas que demoraria.
E, por fim, que quando acontecesse, seria uma coisa fantástica.
Tão grande e solene como o carro preto que chega à noite e todos se reúnem sérios,
graves e curiosos. Ele entrou para dentro de casa e não saiu em viveu,
esperando o que iria acontecer.
Seu amigo disse, na hora em que ele morria:
— Agora já é tarde para que as coisas lhe aconteçam.*

Meu irmão

Com um esforço de memória pude me lembrar do dia em que ele chegou. Foi um dia comum; sem muito sol, muita chuva ou muito vento. Quando ele apareceu em minha casa foi um dia sem nada que ele marcasse. E no momento em que bateu à porta eu estava sentado junto à mesa, pensando em algo importante para mim.

Eu o recebi distraído e ele entrou e se alojou. As palavras que me disse – as únicas que pronunciou desde então – não as guardei; e dos seus primeiros gestos não me lembro.

Os dias se sucederam e, às vezes, eu o via entrando em casa. Mas não lhe perguntava por onde havia ido e quais as pessoas com quem fazia amizades. Somente agora eu sei que não fazia amizades e não ia a lugar algum. Não sabia a língua que se fala nessa terra e nós, eu e minha família, não lhe havíamos ensinado nem a língua nem os costumes daqui.

Um dia, disso me lembro, entrei no banheiro para lavar as mãos e o vi de pé, encostado à parede, com lágrimas descendo dos olhos. A expressão era de amargura e suas lágrimas me queimaram.

Chamei minha esposa e meus filhos e o conduzimos à mesa. E fizemos uma reunião para, com dedicação e carinho, secarmos suas lágrimas.

As lágrimas secaram, sua expressão, no entanto, permaneceu retratando a amargura interna. E ele não pôde responder às nossas perguntas. Devido ao tempo em que permanecera em silêncio, havia se esquecido de como se pronunciam as palavras.

A represa

Um grupo de homens procurava um lugar para viver. Escolheram um vale verde limitado por duas serras. Ali construíram suas casas e suas oficinas de trabalho. Tudo deu certo e os homens foram felizes até o dia em que começaram as chuvas e a água correu pelo vale.

Um dos homens convenceu os outros que ali não devia correr o rio, nem regato, nem enxurrada. Que nada naquele vale devia mudar. E não aceitou, e fez com que os outros não aceitassem, a ideia de elevar as casas ou cavar um leito para a água que corria. E começaram a empilhar pedras. Fizeram uma bela empresa. Mas a chuva continuou e foram obrigados a carregar mais pedras e erguer mais a barragem.

E ergueram-na a uma altura nunca vista. Fizeram tudo o que era possível para evitar que a água corresse pelo vale; só não puderam interromper a chuva. E veio o dia em que a água atingiu a altura da barragem e passou sobre ela. E a minou, e a rompeu. E o vale foi, momentaneamente, invadido pelas águas e tudo foi destruído.

Agora, na época das chuvas, um rio manso corre pelo vale verde e deserto.

As duas pedras

Da janela eu via o alto do morro com as duas grandes pedras recortadas contra o céu. Quando o tempo estava claro eu chegava a divisar os cavalos pastando entre as pedras.

Um dia pela manhã abandonei meu apartamento e fui viver no alto do morro. E fui resolvido a não mais regressar à cidade. No caminho eu pensava: quando me cansar do morro, olharei em direção à cidade e, vendo a janela do meu apartamento, sentir-me-ei sem ânimo para a volta.

Hoje o céu está cinzento e frio. Os cavalos fugiram com a minha chegada e as duas pedras são irregulares. Olho para a cidade e não consigo distinguir, entre tantas janelas, qual era o meu posto de observação.

As duas mãos

Quando começaram a surgir foram como duas pequenas folhas de cactos. Uma em cada punho. Levei tempos até descobrir que eram duas mãos que nasciam. Permaneci dias e dias observando o crescimento das duas mãos extras. Podia movimentá-las à vontade. Eram delicadas como de crianças e, no início, machucavam-se com facilidade. Batiam nas portas quando eu utilizava as mais velhas para girar chaves e maçanetas. Feriam-se nas paredes, nas torneiras e nas gavetas. Algumas vezes levei pancadas no queixo quando me distraí ao comer. Mas essa fase passou e veio o reflexo que me fazia acrescentar espaço para elas.

Com o tempo tornaram-se fortes e hábeis como suas irmãs mais antigas. Mas não prestaram serviço.

Eu não o conheci

Meu filho foi embora e eu não o conheci. Acostumei-me com ele em casa e me esqueci de conhecê-lo. Agora que sua ausência me pesa, é que vejo como era necessário tê-lo conhecido.

Lembro-me dele. Lembro-me bem em poucas ocasiões.

Um dia, na sala, ele me puxou a barra do paletó e me fez examinar seu pequeno dedo machucado. Foi um exame rápido.

Uma outra vez me pediu que lhe consertasse um brinquedo velho. Eu estava com pressa e não consertei. Mas lhe comprei um brinquedo novo. Na noite seguinte, quando entrei em casa, ele estava deitado no tapete, dormindo e abraçado ao brinquedo velho. O novo estava a um canto.

Eu tinha um filho e agora não o tenho mais porque ele foi embora. E este meu filho, uma noite, me chamou e disse:

- Fica comigo. Só um pouquinho, pai.

Eu não podia; mas a babá ficou com ele.

Sou um homem muito ocupado. Mas meu filho foi embora. Foi embora e eu não o conheci.